

A IMPRENSA ENQUANTO ESPAÇO DE DESAFIOS PARA AS MULHERES NEGRAS NOS ANOS FINAIS DA DITADURA BRASILEIRA

Allana Letticia dos
Santos

Doutoranda em História pela
Universidade Federal de Santa
Catarina (UFSC).

Recebido: 20/05/2022
Aprovado: 28/06/2022

RESUMO

A inserção das mulheres na imprensa, aconteceu de forma lenta, gradual e imbricada com as demandas de raça e gênero, já que tal incorporação não aconteceu da mesma maneira para todas as mulheres. Por conta desse vagaroso ingresso das mulheres neste espaço, é possível identificar marcos históricos, que foram experienciados de diferentes formas: acesso à leitura, à escrita e ao jornalismo. Assim, objetivo deste artigo é refletir como ocorreu a construção da luta das mulheres por trabalho nos espaços de veículos da grande imprensa, em meados dos anos de 1970 até 1985. Busco especificamente atentar para as experiências das mulheres negras, por meio do jornal Nzinga Informativo. Sobre a metodologia que será utilizada, a categoria de análise do gênero (SCOTT, 1990) é uma ferramenta que permite que a compreensão da dinâmica da História Global, seja mobilizada em termos de: manifestação social, política e luta pela democracia, como argumentou Luciana Ballestrin (2020, p. 02). Direcionei primeiramente, observações para os trabalhos, principalmente de Herique Espada (2019), Conrad (2016), Epple (2012). Posteriormente, objetivo refletir sobre o jornal Nzinga Informativo percorrendo sobre a história sobre sua origem e a luta a construção desse espaço na imprensa, a partir das leituras de Viviane Freitas (2018), Lélia Gonzalez (1985), Sueli Carneiro (2003).

PALAVRAS-CHAVE

Imprensa; Mulheres Negras; História Global.

Introdução

Em um cenário marcado por violências, censuras, autoritarismos e por processos, já reprisado em outros contextos, a ditadura do Brasil, endossou mais uma vez na História, o distanciamento de negras e negros na construção de suas identidades e da cena histórica, silenciando suas atuações. Entretanto, lugares de enunciação, contrariaram as expectativas de subalternidades subjacentes aos entraves sociais e políticos do período, começaram a ter visibilidade. Os discursos e lugares são possíveis perceber a partir do *Nzinga Informativo*, jornal produzido por mulheres negras da cidade do Rio de Janeiro, entre 1985-1989, que será o objeto de estudo desta investigação.

Para tecer considerações sobre esse jornal, é interessante apontar primeiramente, determinadas posturas que a imprensa brasileira como um todo demonstrava no período da ditadura. De acordo com Marcos Napolitano,¹ uma das faces dos empreendimentos midiáticos, nesse momento da história era demarcada pela grande imprensa, que manuseavam os jornais por meio das reciprocidades, isto é, de um lado a intenção se concentrava em condicionar a opinião pública, através de artimanhas conforme o desejo dos editores chefes e influentes da imprensa. Por outra forma, pleiteavam argumentações sobre temas políticos, buscando influenciar as decisões públicas parlamentares.

Ainda em relação as atuações da imprensa, após o golpe de 1964, outras formas de expressão e manifestação de ideias foram produzidas, publicadas e até mesmo censuradas. Um dos propósitos dessa imprensa, que nessa discussão será considerada como alternativa (embora denominações como: imprensa de esquerda, nanica ou planetária fossem habitualmente adotadas) foi difundir opiniões opostas ao tipo de informações propagada pela grande imprensa, além de fazer oposição aos discursos produzidos pela ditadura, principalmente, no que tange a política, economia, cultura e sociedade.²

Reconhecer que as produções de jornais das mulheres negras brasileiras à frente da imprensa, diferem dos trabalhos realizados pelas mulheres brancas, tanto relacionado ao período (visto que as mulheres negras tardiamente começam suas publicações), quanto as reivindicações e lutas, contribui para amplificar a pesquisa.

É salutar, antes de adentrar ao tema, explicar sobre embaraços que surgiram durante o processo de estudo: a pesquisa será desenvolvida sobre imprensa feminista negra ou imprensa feminina negra? Constância Duarte³ foi precisa ao afirmar que, esta forma de publicidade é determinantemente definida com base no sexo das consumidoras. A principal diferença, é que embora ambas sejam voltadas e direcionadas para as mulheres, a imprensa feminista tem um caráter de contestação por direitos políticos e civis.

As dinâmicas de análise utilizadas para construir as reflexões sobre a imprensa e as mulheres negras, foi fundamentada a partir da História Global. Enquanto metodologia científica, o aparecimento da História Global, ocorreu possivelmente em finais da segunda metade do século

1 Marcos Napolitano, A imprensa e a construção da memória do regime brasileiro (1965-1985). *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 346-366, maio-ago. 2017.

2 Napolitano, “A imprensa e a construção da memória”, p. 346-350.

3 Constância Duarte, *Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX: dicionário ilustrado*. 1 ed.; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

XX, em um contexto já marcado pelo surgimento e pela larga utilização de uma série de outras abordagens no âmbito da História enquanto ciência. Os estudos surgiram por conta da necessidade de desenvolver outras formas de narrar a História, que conseguissem abarcar as mudanças sociais vindas do contexto da segunda metade do século XX. Essa necessidade também se estendeu para a importância em repensar outras metodologias e objetos de pesquisas, que pudessem amparar as dinâmicas de análises historiográficas. Como apontaram João Júnior e Monique Sochaczewski⁴, não existe um conceito unânime para a História Global, e segundo Henrique Espada⁵, essa perspectiva é marcada pelo interesse em descentralizar a narrativa histórica, de modo a estabelecer outras noções de análises além das compartilhadas na Europa, visando integrar à História Global encadeamentos históricos localizados em diferentes partes do globo, sobretudo no designado “Sul Global”⁶.

Outra interessante proposta, em relação a História Global enquanto metodologia, se dá a partir Sebastian Conrad⁷, que argumenta que a História Global visa modificar as normas institucionais e a ordem do conhecimento. A respeito disso, o autor salienta que “é contra este pano de fundo que a história global vai apelar a uma visão mais ampla e inclusiva. Os outros passados também fazem parte da história”⁸, salientando a importância de valorizar nuances de análise com interações e transformações em nível global⁹.

Dessa forma, esse artigo pretende construir reflexões acerca da imprensa alternativa, a partir do jornal *Nzinga Informativo*, por meio da metodologia da História Global, buscando identificar as linhas de luta em que essas mulheres estavam inseridas. Para alcançar esses objetivos, é necessário observar o percurso realizado por essas mulheres, bem como as especificidades de suas demandas,

4 João Junior e Monique Sochaczewski, História global: um empreendimento intelectual em curso. *Tempo* [online]. 2017, vol.23, n.3, p.483-502. ISSN 1980-542X.

5 Henrique Espada. “História Global do Trabalho: um olhar desde o Brasil”. *Revista Mundos do Trabalho*, v. 10 (2019a), p. 59-70.

6 De acordo com Luciana Ballestrin (2020), “O termo “Sul” apareceu no vocabulário internacional em 1980 e sua associação com o adjetivo “Global” ocorreu a partir do final da Guerra Fria, com a intensificação do discurso e das dinâmicas da Globalização (DIRLIK, 2007). Devido à referência aos países pobres e “em desenvolvimento” em contraste com os mais ricos e desenvolvidos, o Sul Global é herdeiro do conceito de “Terceiro Mundo”, atualmente em desuso. Em ambas denominações, a classificação hierárquica entre os países considera o estágio de desenvolvimento econômico em direção à modernidade como parâmetro principal. Por sua vez, o entendimento de “modernidade” e “desenvolvimento” é fortemente associado à ideia de progresso ou evolução. Entretanto, assim como o Terceiro Mundo, o Sul Global não pode simplesmente ser visto como um conjunto de países não desenvolvidos e não modernos, localizados nas zonas ex-coloniais do globo. Existem diferentes significados para as duas categorias, as quais não devem ser compreendidas em um sentido exclusivamente geográfico ou territorial. Ambos termos foram capazes de projetar uma identidade geopolítica subalterna, reivindicando um diferente caminho de pertencimento no sistema e na sociedade internacional.” Disponível em: <https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/06/30/O-SUL-GLOBAL-COMO-PROJETO-POLITICO>.

7 Sebastian Conrad, *What is Global History?* Princeton: Princeton University Press, 2016.

8 Conrad, *What is Global History?*, p. 14. (tradução nossa)

9 É importante reiterar o desarranjo conceitual entre o campo da História Global aos estudos da globalização, realizados pela autora Sandra Ficker (2014). De acordo com suas investigações, os estudos sobre a globalização ocupam-se de um objeto, enquanto os estudos globais (e a História Global) abordam uma dimensão dos fenômenos, a partir da qual se constrói uma unidade de análise que compreende as áreas do planeta que se encontram interconectadas por um mesmo tempo e uma mesma racionalidade. No caso da globalização, essa perspectiva tende a convergir com o fenômeno real, o que não significa, no entanto, que se restringe a ela.

tendo em vista, que esse jornal foi produzido por mulheres negras nos anos finais da ditadura do Brasil.

HISTÓRIA GLOBAL E OS ESTUDOS DE GÊNERO

A intenção, portanto, não é apresentar a ascendência completa da História Global, de modo a definir de forma conclusiva as questões que essa temática apresenta. Busca-se argumentar sobre a pluralidade e amplitude teórica da perspectiva em História Global e destacar duas características que as une, observadas por João Júnior e Monique Sochaczewski¹⁰: a fuga aos eurocentrismos e ao nacionalismo metodológico. Além disso, visa-se avaliar como a categoria de análise gênero pode mobilizar uma compreensão acurada e ampliada da História Global como abordagem histórica.

Tendo em vista a necessidade em encontrar conexões nos processos históricos e analisar as interações sociais resultantes das transformações mundiais, sem necessariamente universalizá-las, como argumentou Sanjay Subrahmanyam,¹¹ tendências historiográficas foram conectadas aos estudos da História Global, com a premissa de contribuir e refletir sobre as diversas formas de pensar essa perspectiva histórica. Júnior e Sochaczewski¹², afirmam que essas tendências historiográficas estavam “defendendo seu território, seus conceitos e metodologias próprias”, tendo como ponto em comum a tentativa de escapar das dinâmicas analíticas firmadas no eurocentrismos, como também a fuga aos nacionalismos metodológicos.

Acerca das abordagens que visam ampliar as perspectivas de análises da História Global, uma delas são os estudos pós-coloniais. Essa tendência visa contribuir para melhor compreensão das complexidades firmadas no processo de interações das fronteiras culturais. De acordo com estudos realizados, é válido apontar que as transformações do mundo pelo colonialismo não influenciaram apenas os processos de dominação *versus* exploração econômica, como também preponderou nas “categorias de conhecimento, nos conceitos do passado e nas visões de futuro”¹³. Por meio dessa perspectiva, grupos e culturas historicamente discriminados buscam através dos aportes dos estudos pós-coloniais, destacam-se sobretudo, os desenvolvidos por Enrique Dussel¹⁴, Walter Mignolo¹⁵ a partir dos quais é perceptível outros horizontes teóricos e analíticos para demais possibilidades de compreensão dos processos de opressão sofridos pelos grupos subalternizados. As principais desvantagens dessa abordagem para a História Global, circulam entre o demasiado conceito de cultura e colonialismo, que por muitas vezes são genéricos e nem sempre conseguem abarcar o objeto de

10 Júnior e Sochaczewski. “*História global*” p.483-502.

11 Sanjay Subrahmanyam, Em busca das origens da História Global: aula inaugural proferida no Collège de France em 28 de novembro de 2013. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.30, n.60, p. 219-240.

12 Júnior e Sochaczewski. “*História global*” p.487.

13 Conrad, *What is Global History?*, p. 71 (tradução nossa).

14 Enrique Dussel. Europa, modernidad y eurocentrismo. In: Lander, Edgardo (Comp.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 2000.

15 Walter Mignolo. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

pesquisa, tornando-se restritiva para dilucidar o complexo e abrangente em processo de globalização.

No que se refere ao gênero, os estudos pós-coloniais forneceram importantes subsídios teóricos que pleiteiam teorizações que intercedem pela reestruturação dos sentidos e significados das relações sociais, visando findar as reproduções simbólicas e matérias pautadas na subordinação. A partir desse olhar, importantes contribuições estão sendo realizadas para repensar as discriminações raciais e gênero, principalmente, sofrida pelas mulheres negras, na premissa da História Global, como por exemplo o trabalho de Matilde Ribeiro¹⁶, que aponta a relação do processo organizativo das mulheres negras em diálogo com a inclusão de gênero e raça nas políticas públicas.

Em que pese esforços tenham sido travados, a respeito da História Global, como afirmou Espada¹⁷, ainda existem contradições que necessitam ser repensadas como, por exemplo as dinâmicas de publicações das histórias globais realizadas pelo sul global, essas são manuseadas, por meio de uma nova narrativa que continua sob o comando do “centro”, ou melhor dizendo, norte global. “Nesse contexto, parece sobrar à nossa periferia o papel de produzir o material empírico que será processado e transformado na nova narrativa da História Global por pesquisadores e instituições localizados e financiados pelas antigas potências coloniais”.¹⁸

Também ainda são “sensíveis” os entrelaces entre a História Global e os estudos de gênero no Brasil. De acordo com as observações de Angelika Epple¹⁹, os pressupostos teóricos básicos de ambas as perspectivas são os mesmos, isto é, os campos de análises não são observados como enquadramentos fechados, mas são investigados como desenvolvimentos sociais por meio de relações e diferenças. A autora também observa que a História Global, garantiu grande preocupação em superar os eurocentrismo, e que permitiu que as questões sobre gênero e sexualidade ficassem distantes das discussões, “o gênero é determinado tematicamente, ou seja, está tematicamente relacionado às relações de gênero ou histórias relacionadas às mulheres em escala global, não a uma conexão abrangente de gênero e história global”.²⁰

Diante disso, esse trabalho almeja apresentar-se como um esforço na tentativa de superar a lacuna entre os Estudos de Gênero e a História Global, argumentados por Epple²¹. Portanto, ao buscar evidenciar as conexões entre essas perspectivas históricas, é interessante lembrar dos argumentos de Espada²², no qual afirmou que a História Global não deve ser feita apenas com a História da Integração e cosmopolitismo, mas também por meio das narrativas sobre a desigualdades, assimetrias e resistências.

16 Matilde Ribeiro. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. *Revista Estudos Feministas*, [S.L.], v. 16, n. 3, p. 987-1004, dez. 2008. FapUNIFESP (SciELO).

17 Espada. “História Global do Trabalho” p. 59-70.

18 Espada, “História Global do Trabalho”, p. 67.

19 Agelika Epple. Globalgeschichte und Geschlechtergeschichte: Eine Beziehung mit Zukunft. *L'homme: Zeitschrift für feministische Geschichtswissenschaft*, v. 23, n. 2, 2012. pp. 87-100.

20 Epple, Globalgeschichte und Geschlechtergeschichte, p. 88 (tradução nossa)

21 Epple, Globalgeschichte und Geschlechtergeschichte, p. 87-100.

22 Henrique Espada. História Global do Trabalho: um olhar desde o Brasil. *Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 10, n. 19, 2019, p. 59-70. ISSN 1984-9222.

Enquanto aparentemente a luta contra a opressão social comum que poderia unir mulheres brancas e negras em prol de uma única via de enfrentamento, foi abalada por vivências e conflitos vindos de diferentes perspectivas, divisões se tornaram basilares para o acolhimento de outras concepções, dentro do movimento feminista.²³

Em meados dos anos de 1970 e 1980, ocorreu o reaparecimento de obras que endossavam as vivências de mulheres negras, tantos nos Estados Unidos com Ângela Davis, como no Brasil com Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, por exemplo. Os textos escritos pelas mulheres negras direcionavam críticas as nomeadas “Segunda Onda” do movimento feminista, contudo essas discussões tinham semelhanças com os argumentos feitos pelas mulheres negras do século XIX, sobre a necessidade de refletir sobre gênero, raça e experiências do cotidiano.²⁴

O objetivo das feministas negras, nesse ressurgimento das discussões, era evidenciar sobre as opressões raciais, também mereciam ser reconhecidas e endossadas nas pautas temáticas. Outro aspecto que não foi levantado pelas feministas brancas, vindas da classe média e do norte-global, diz respeito, as divisões raciais do trabalho.²⁵

Sueli Carneiro²⁶, considerou a partir de seus estudos a expressão “enegrecer o feminismo”, para designar as vivências das mulheres negras dentro dos movimentos feministas:

Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pôde-se engendrar uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta anti-racista no Brasil.²⁷

As mulheres negras em meados de 1970 e anos de 1980, buscavam ampliar os horizontes de ações no mundo, a partir da reflexão sobre suas demandas. De acordo com Viviane Freitas²⁸, citando Lélia Gonzalez²⁹ nesse contexto, dois movimentos sociais se uniram: o movimento de favelas e o movimento negro, que juntos promoveram importantes eventos que possibilitavam a troca de saberes proveitosa para ambos os lados. A partir da aproximação desses movimentos sociais que surgiu em 16 de junho de 1983, o *Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras*, localizado na zona oeste do Rio de Janeiro, com sede na Associação do Morro dos Cabritos.³⁰ De forma geral “O grupo tinha como

23 Kia Caldwell. A institucionalização de estudos sobre a mulher negra: Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil. *Revista da ABPN*, v. 1, n. 1 - mar-jun de 2010, p. 18-27.

24 Caldwell, “A institucionalização de estudos sobre a mulher negra”, p. 18-27.

25 Viviane Freitas. *Feminismo na imprensa alternativa brasileira*. 1ed – Jundiá (SP): Paco, 2018.

26 Sueli Carneiro. Mulheres em movimento. *ESTUDOS AVANÇADOS*, 17 (49), 2003.

27 Carneiro, “Mulheres em Movimento”, p. 118.

28 Freitas, “Feminismo na imprensa brasileira”, p. 187-257.

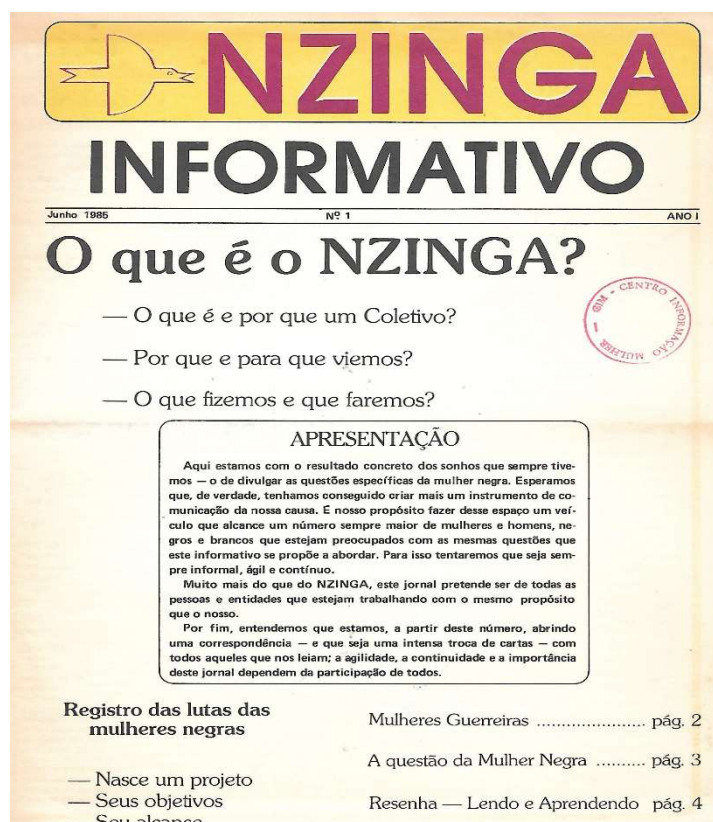
29 Lélia Gonzalez. Mulher negra. *Afrodíspora*, Brasília, v. 6 e 7, n. 19, p. 94-106, 1985.

30 Freitas, “Feminismo na imprensa alternativa brasileira”; Gonzales “Mulher negra”; Luiza Barros. Lembrando Lélia Gonzalez. In: Jurema Werneck; Maisa Mendonça; Evelyn White (org.). *O livro da saúde das*

objetivo trabalhar com mulheres negras de baixa renda, a começar pelo local escolhido para sediar as atividades, uma demanda latente dos movimentos negro e feminista da época, articulando com a discussão sobre gênero e raça”.³¹

O Informativo Nzinga surgiu, após dois anos de fundação do coletivo, por meio da aprovação do projeto *História Contemporânea das lutas das mulheres negras*, no qual, conquistou o apoio financeiro da instituição estadunidense Global Ministries, de Nova York. A contribuição obtida foi direcionada para a elaboração do informativo e outras tarefas.³²

A primeira edição do Informativo foi publicada em junho de 1985, como lê-se a seguir:



Fonte: Nzinga Informativo, 1985, ano 1.

Nesta edição número 1 as representantes do Nzinga, exibem para a comunidade o objetivo do coletivo, as principais demandas levantadas pelo grupo e as atividades/lutas que pretendem enfrentar. No texto expressam que:

mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Palhas: Criola, 2000, p. 48-61.

31 Freitas, “Feminismo na imprensa brasileira”. p. 166.

32 Freitas, “Feminismo na imprensa brasileira”. p. 187-287.

Aqui estamos como resultado concreto dos sonhos que sempre tivemos – o de divulgar as questões específicas da mulher negra. Esperamos que, de verdade, tenhamos conseguido criar mais um instrumento de comunicação da nossa causa. É nosso propósito fazer desse espaço um veículo que alcance um número sempre maior de mulheres e homens, negros e brancos que estejam preocupados com as mesmas questões que este informativo se propõe a abordar. Para isso tentaremos que seja sempre informal, ágil e contínuo. Muito mais do que NZINGA, este jornal pretende ser de todas as pessoas e entidades que estejam trabalhando com o mesmo propósito que o nosso. Por fim, entendemos que estamos, a partir deste número, abrindo uma correspondência – e que seja uma intensa troca de cartas – com todos aqueles que nos leiam; a agilidade, a continuidade e a importância deste jornal dependem da participação de todos.³³

É possível perceber a preocupação das representantes do coletivo em tornar o Informativo, acessível a todas as pessoas que o lerem. Essa preocupação foi expressada não apenas no texto de abertura, como também ao longo de toda a edição, que embora tenha sido curta, contando com apenas 4 páginas, registra em seus textos questões específicas tratadas pelas mulheres negras.

A edição 2, publicada em julho de 1985, possui o mesmo número de páginas da primeira publicação do informativo. É interessante notar, como é refletido nesse número, a intercorrência de eventos racistas que estavam acontecendo, naquele momento, na África do Sul, o *apartheid*. Observando a História Global, como ferramenta metodológica dessa investigação, Espada³⁴, argumentou sobre a importância em utilizar a História Global, buscando aceitar o desafio de ouvir outras narrativas sobre a experiência que estão inseridas na globalização, e não apenas cedendo aos argumentos provincianos que surgem do norte global. Ou seja, “[...] se uma história global deve ser feita, não pode ser só uma história de integração e cosmopolitismo, mas sim – e talvez sobretudo – uma história das desigualdades e das assimetrias, das resistências a esses mesmos processos.”³⁵

A terceira e quarta edição, publicadas respectivamente em março de 1986 e agosto de 1988, possuem oito páginas cada informativo. Os assuntos tratados nessas publicações dizem respeito, principalmente a comunidade negra, ao racismo, as ações do governo e o impacto na vida das mulheres negras e ao machismo. Ambas as edições também, destacavam os eventos que estavam acontecendo ao redor do mundo, que tinha relação com as mulheres negras, levando a comunidade que luta e resistência estava sendo enfrentada em diversas partes do globo.

A última edição número 5, publicada em março de 1989, foi a mais longa, possuindo 16 páginas. É apresentado o relato das mulheres que participaram do Primeiro Encontro Nacional de Mulheres Negras, os depoimentos versam de diversas partes do Brasil, no qual, as mulheres enfatizam a importância do evento e a necessidade dessa rede de interlocução de demandas das mulheres negras.

As demandas das mulheres negras refletidas nas edições dos Informativos, permite que seja observado que:

críticas aos limites da noção de gênero e deslocamentos que vêm se produzindo com a entrada de diferentes leituras da opressão, dos novos conceitos, das rupturas epistemológicas e da emergência de vozes que tencionam as teorias e as ações feministas centradas na noção de

33 Jornal *Nzinga Informativo*, 1985, p.1.

34 Henrique Espada. O global e seus paradoxos: a construção imaginada de um campo historiográfico. *Esboços*, Florianópolis, v. 26, n. 43, p. 486-500, set./dez. 2019.

35 Espada, “O global e seus paradoxos”, p. 492.

gênero têm, há alguns anos, colocado questões sobre a possibilidade de uma unidade na ação política feminista, sobre o sujeito do feminismo e, conseqüentemente, sobre qual projeto de sociedade deve orientar essa ação.³⁶

É possível considerar que ao longo do percurso do *Nzinga Informativo*, as mulheres negras buscaram centrar o olhar nas demandas que interferiam diretamente em suas experiências de vida. É importante destacar que as críticas ao feminismo branco, também foi um elemento considerado por outros jornais da época como o *Mulherio*. Por meio dessas redes de conexões, as demandas das mulheres negras tiveram mais espaço na imprensa, entretanto, essa luta ainda árdua e necessária.

No que toca, a esse jornal, a História Global e os Estudos de Gênero são proveitosos apontar determinadas observações. É válido ressaltar que refletir sobre a militância e trabalho de resistência das mulheres, enfatizando que suas lutas começaram apenas nas décadas de 1960/1970 é um ataque não apenas a historiografia, mas também ao apagamento e silenciamento de suas atuações. Assim, entro em acordo com Heloise de Albuquerque³⁷, quando afirma sobre dois pontos acerca da história de luta das mulheres negras: o primeiro se refere ao reconhecimento histórico de lugares do fazer político, isto é, lembrar que desde tempos imemoriáveis, mulheres negras já se organizavam; o segundo ponto é compreender que a tríade do conhecimento se faz entre pesquisa, estudo e diálogo com as mais velhas, ou seja, muito pouco se descobre, é benéfico que se construa o novo, contudo recordando o conhecimento que já foi adquirido.

Visando compreender a emergência do global como categoria, é possível deduzir o globo como um espaço comunitário, tal como enfatizou Espada³⁸. Rememoro a fala da Angela Davis³⁹ que inspirada em tecer homenagens ao jornalista Hrant Dink, construiu críticas entrecruzadas sobre o racismo, o neoliberalismo e o sexismo, de forma a conciliar diferentes experiências de violências e lutas no mundo. Davis provoca-nos para estabelecermos conexões de solidariedades internacional e redes que percorram as fronteiras do nacional, melhor dizendo, convida-nos para uma interseccionalidade das lutas.

É interessante notar que o jornal *Nzinga Informativo*, (como dito anteriormente), surgiu por meio de incentivos e garantias que foram estabelecidos em cenários que transbordam os limites da fronteira nacional, enfatizando o que os autores citados conceituaram como espaço comunitário e solidariedade internacional.

Embora não tenha uma preocupação relativa aos Estudos da História Global, Sueli Carneiro nos convoca a refletir sobre a pauta do feminismo brasileiro e as mulheres negras. Para a autora, a difusão do feminismo centrada no pensamento eurocêntrico, centraliza as mulheres brancas como hegemonia, dentro da sociedade brasileira resultou em catástrofes sociais, pois estavam articuladas

36 Mayorga, et al.. “As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual.” p. 465.

37 Heloise Albuquerque. (org. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras. 2018.

38 Espada, “O global e seus paradoxos”, p. 486-500.

39 Angela Davis. Solidariedades Transnacionais. In: DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. Organização de Frank Barat; tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 126- 139. (paginação do ebook).

com o projeto da democracia racial, para seguir seu curso. Nesse sentido, ela questiona: “Até onde as mulheres brancas avançaram nessas questões?”; “Quais seriam as contribuições das mulheres negras para além de um toque de cor nas pautas feministas?”⁴⁰. Compreendo que o questionamento gira em torno da descolonização do saber, poder e ser. Pois enegrecer o feminismo não se trata de dizer que em momentos da trajetória feminista havia também mulheres negras, e com isso evidenciar a participação de mulheres negras em momentos pontuais da história, trata-se disso também, mas principalmente de introduzir as visões de mundo de mulheres não brancas no centro das teorias feministas e colocar o racismo como pauta direcionadora das ações feministas no país.

Portanto, compartilho das contribuições do feminismo negro, que problematizam não somente a ausência das mulheres negras na cena da luta, mas também o silenciamento por parte das produtividades acadêmicas, tendo em vista a existência dessas mulheres, o que reforça a manutenção do racismo estrutural, assim como observou Vânia Vasconcelos⁴¹.

Considerações finais

Um dos desafios para escrever sobre a atuação das mulheres negras na imprensa, por meio da metodologia da História Global, está entre considerá-las não apenas como “padecentes” do feminismo branco hegemônico, ou inseri-las como únicas protagonistas, que atuaram na cena da história, pelos presumíveis aspectos de serem mulheres fortes que atuaram na luta?⁴². Acredito que para não se ater as análises dualistas e simplórias, um caminho possível seria, tal como apontaram os autores decoloniais, desprovincializar os conceitos, isto é, repensar sobre as hierarquias raciais, de gênero e classe que marcaram as relações e potencializaram as assimetrias entre as atuações de lutas centrais e periféricas.

A proposta desse artigo visou pleitear encadeamentos plausíveis, para a construção de uma História Global, onde suas preocupações não seja apenas criticar o eurocentrismo, mas atentar-se para outras narrativas que perpassam pelo processo de integração. Assim, podemos compreender o global, como afirmou Conrad⁴³, como um elemento constitutivo que interfere sobre o objeto de pesquisa e é transformado por ele.

40 Sueli Carneiro. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Acesso em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf

41 Vânia Vasconcelos. Entre a norma e a rebeldia: rastros de feminismos no sertão baiano. *Revista de História* [v. 24, n. 41]. João Pessoa, p. 204-216, jul./dez. 2019.

42 Vasconcelos, “Entre a norma e a rebeldia”, p. 204-2016.

43 Conrad, *What is Global History?*,